

## O LÉXICO DE REMANESCENTE DE COMUNIDADES GARIMPEIRAS DO ALTO JEQUITINHONHA

### *The remainder of communities glossary of High Prospecting Jequitinhonha*

Lília Soares Miranda\*

**RESUMO:** Neste estudo apresentamos resultados da nossa pesquisa realizada com remanescentes comunidades garimpeiras do Alto Jequitinhonha. Segundo Santos (1976), o Estado de Minas Gerais é marcado política, social e economicamente, desde o século XVII, pela atividade de extração mineral. Contudo, devido a fatores ambientais, esse quadro vem se modificando, restando apenas alguns grupos de remanescentes de comunidades garimpeiras que mudaram seus hábitos. Um desses grupos integra a população do município de Datas, localizado no Alto Jequitinhonha – MG. Entendendo que o léxico revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade de um grupo e considerando os estudos mais recentes: Isquerdo (1998), Souza (2008) e Ribeiro (2010) e Miranda (2015), buscamos estudar o léxico usado pelo referido grupo de remanescentes, orientando-nos pela seguinte hipótese: na região acima mencionada, existe um léxico bastante peculiar e a linguagem desses remanescentes de comunidades garimpeiras é que justifica essa peculiaridade.

**Palavras-chave:** léxico; língua; cultura; comunidades garimpeiras.

**ABSTRACT:** *In this study we present results of our survey of remaining gold mining communities of Alto Jequitinhonha. According to Santos (1976), the State of Minas Gerais is marked political, social and economic, since the seventeenth century by the mining activity. However, due to environmental factors, this situation is changing, leaving only a few remnants of gold mining community groups who have changed their habits. One group includes the population of the municipality dates, located in Alto Jequitinhonha - MG. Understanding the lexicon reveals socio-historical and cultural aspects of the reality of a group and considering the recent studies: Isquerdo (1998), Souza (2008) and Ribeiro (2010) and Miranda (2015), we seek to study the lexicon used by that group remaining, directing us the following hypothesis: in the aforementioned region, there is a very peculiar vocabulary and language of these remnants of gold mining communities is justifying this peculiarity.*

**Keywords:** *lexicon; language; culture; gold mining communities.*

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos FALE/UFGM, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – liliasoaresmi@gmail.com

## **Introdução**

O Brasil é um país de grande dimensão geográfica, no qual, diversas regiões apresentam diferenças socioculturais expressivamente marcantes. De acordo com Diégues Jr. (1960), o Brasil apresenta diversidades culturais que caracterizam certas regiões, possibilitando detectar unidades específicas dentro de tais diversidades. São dez as regiões brasileiras marcadas pela forma de povoamento e pela atividade econômica predominante: nordeste agrário, mediterrâneo pastoril, Amazônia – extrativismo vegetal da borracha, Planalto e Centro-Oeste – extração mineral, Sul – pecuária, colonização estrangeira, região do café, região do cacau e região do sal.

De acordo com Santos (1976), a região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais (MG), foi marcada política, social e economicamente, desde o século XVII, pela atividade econômica da extração mineral; principalmente, devido à formação de arraiais de mineração. As localidades originadas desses arraiais que mantinham a mineração como tradição, no entanto, vêm passando por grandes transformações desde a década de 1990. Dentre essas mudanças, destaca-se a extinção da exploração de minério, devido a questões ambientais, de modo que, hoje, em certos lugares em MG, restam apenas alguns grupos de ex-mineradores que, com suas famílias, se fixaram em cidades próximas aos extintos garimpos. Nessas localidades, enquanto havia a atividade de extração de minérios, as pessoas que a exerciam essa atividade ou trabalhavam em função dela constituíam o que aqui designamos a “comunidade garimpeira”, isto é, o conjunto de pessoas que exerciam atividades profissionais idênticas ou estreitamente relacionadas, mantendo convivência intensa por terem, em comum, além do trabalho, as atividades de lazer, as crenças, as comemorações, os valores da família, etc.. Com a extinção de alguns garimpos, no final do século XX, essas localidades passaram a abrigar grupos constituídos por membros que, então, restaram das extintas “comunidades garimpeiras”. Um desses casos é o município de Datas e seu povoado denominado Cachimbos, localizado na região do Alto Jequitinhonha - MG, cuja população passou a incluir cerca de trinta e uma pessoas, entre ex-mineradores e seus familiares – às quais nos referiremos, doravante, como “remanescentes de comunidades garimpeiras”.

As diferenças socioculturais significativas que dividem o território brasileiro são refletidas em diversas marcas linguísticas diferenciadoras de grupos de falantes. Isso pode ser observado, por exemplo, quando se atenta para as falas de regiões e cidades e, até mesmo, de determinadas localidades. Essa diversidade linguística que se manifesta, marcadamente, no âmbito lexical, vem sendo registrada por vários autores, preocupados em identificar particularidades do Português falado no Brasil (PB). Dentre esses autores, destacamos: Amaral (1920), que focaliza o dialeto caipira em São Paulo; Machado Filho (1964), que trata da linguagem específica do negro no garimpo em Minas Gerais; Póvoas (1989), que estuda a linguagem falada nos terreiros de Candomblé (Axé Ilê Ijexá) em Salvador (BA); Isquerdo (1998), que analisa o vocabulário do seringueiro no Estado do Acre; Justiniano (2005), que estuda o vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul; e Costa (2012), que focaliza o léxico dos pescadores de Raposa (MA).

No que diz respeito, especificamente, ao léxico de MG, cabe destacar o projeto intitulado “Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro”<sup>1</sup>, ao qual estão vinculados alguns estudos recentes, tais como: Souza (2008), que trata do léxico rural de Águas Vermelhas, na região Norte de Minas; Ribeiro (2010), que analisa o léxico rural de Passos, no Sul de Minas; Freitas (2012) e Cordeiro (2013), que estudam, respectivamente, o léxico rural da Serra do Cipó, na região central de Minas, e o léxico rural de Minas Novas, no Vale Jequitinhonha - MG.

Os estudos acima invocados corroboram o entendimento de que, além de outros fatores históricos, a forma de povoamento da localidade e as características do meio refletem claramente a relação entre língua, cultura e sociedade, que se configura como diversidade linguística, destacadamente, lexical. Essa diversidade está presente em todas as regiões geográficas brasileiras: na manifestação religiosa (no Nordeste); na extração da borracha (no Norte); no processo de extração da erva-mate (no Sul); no processo do pescado (no Nordeste); e no mundo rural (no Sudeste). Esse estudo remete ao município de Datas, situado no Alto Jequitinhonha - MG, cuja população, como anteriormente mencionado, inclui um grupo de “remanescentes de comunidades garimpeiras”, cuja

---

<sup>1</sup> Projeto em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado “Léxico Regional: Descrevendo o Léxico Mineiro” coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

fala chama a atenção por apresentar particularidades lexicais em relação à fala geralmente usada na região.

Atentando para o referido grupo de “remanescentes de comunidades garimpeiras”, é fácil antevermos que ele desaparecerá em curto prazo, se considerarmos, em primeiro lugar, que muitos dos seus integrantes já estão em idade bastante avançada; e, em segundo lugar, que a maioria dos seus integrantes economicamente ativos apresenta baixo nível de escolaridade e, por isso, tem emigrado para outras cidades, em busca de escola ou de trabalho diferente do que lhes resta ali, sem os garimpos.

### **1 Perfil das comunidades pesquisadas**

Dentre os municípios mineiros nascidos do garimpo e marcados pela riqueza mineral, destacamos Datas, localizado no Km 286 da Rodovia 259, a 1.245 metros de altitude, no Nordeste de Minas Gerais, no trecho da Estrada Real que fica no planalto do Alto Jequitinhonha. Com população estimada de 15.385 habitantes (IBGE, 2009), faz limite com os municípios de Gouveia, Diamantina, Serro e Presidente Kubitscheck. Foi distrito de Diamantina, até ser elevado à condição de município, em 30 de dezembro de 1962; e foi elevado à categoria de cidade em 1º de março de 1963. Até então, era apenas um povoado; depois, uma pequena vila de mineiros que ali se estabeleceram por volta do século XVIII.

Além da histórica exploração de diamantes, Datas é famosa, também, pelo comércio de sempre-vivas. Região de clima ameno e saudável, com montanhas encantadas, vastos campos verdejantes e intensa vegetação, ali crescem encantadoras sempre-vivas, com sua beleza natural, nativas da região. Há algumas décadas, essas flores eram colhidas com fartura, contribuindo para o sustento de muitas famílias que, como verdadeiras artesãs, manuseavam e confeccionavam lindos arranjos. Em destaque, as famosas coroas de defuntos, que eram exportadas para vários lugares do Brasil e para o Exterior. Devido, porém, à falta de controle na colheita dessa planta, hoje ela se encontra escassa, o que levou à criação de um parque que protege e coordena essa atividade. Assim, de uma forma orientada, esse tipo de atividade continua sendo aproveitada pelos artesãos e atraindo os olhares encantados daqueles que têm o privilégio de apreciar de perto a beleza dessas flores, bem como as tradições da cidade.

Atualmente, o município de Datas apresenta outro cenário: o ribeirão de Datas, outrora disputado por garimpeiros e mineradores, traz, em suas margens, marcas do garimpo, com depósitos de gorgulho e, em alguns locais, grandes catas, resultantes da busca incessante por minerais. Desde a década de 1990, devido às altas taxas estabelecidas pelo governo e à dificuldade de se conciliar o garimpo com a preservação do meio ambiente, a exploração de minério tornou-se quase impossível para os pequenos trabalhadores. Os remanescentes de comunidades de garimpeiros perderam a única fonte de sustento de suas famílias que prevalecera, aproximadamente, durante dois séculos: o trabalho nos garimpos. Alguns encontraram solução na enxada, trabalhando como agricultores. Outros deixaram o município e foram para as grandes metrópoles.

A outra localidade, alvo da nossa pesquisa, é um dos povoados de Datas: Cachimbos, que<sup>2</sup> surgiu, também, a partir da extração de minério. Neste povoado, localizado a 7 km do município de Datas, a maioria dos moradores vive e sustenta suas famílias com dinheiro de aposentadoria; outros trabalham, atualmente, com atividades rurais e agricultura; sua população estimada é de duzentos e cinquenta habitantes. Por ser um lugar que abriga uma comunidade ex-mineradora, cuja atividade cessou na década de 1990, tem como moradores os poucos remanescentes dessa comunidade, que têm, em média, 60 anos de idade. Os jovens migraram para as cidades grandes, à procura de trabalho; alguns foram com suas famílias; os que resistem trabalham nas lavouras de morango e leguminosas e estudam em escolas localizadas nos municípios vizinhos, tais como Palmital, Datas, Gouveia e Diamantina.

## **2 Sobre as peculiaridades lexicais do Alto Jequitinhonha/MG**

Neste estudo, assumindo o pressuposto de que o léxico de qualquer língua revela aspectos sócio-histórico-culturais da realidade dos falantes dessa língua, buscamos descrever e analisar o léxico de falantes remanescentes da comunidade em estudo no Alto Jequitinhonha - MG, nos orientando pela seguinte hipótese: a fala da população do Alto Jequitinhonha, mais exatamente, do município de Datas e seu distrito Cachimbos

---

<sup>2</sup> Não encontramos registro algum dessa localidade. Todas as informações aqui registradas foram fornecidas pelos informantes nela nascidos e criados.

revela peculiaridade no que diz respeito ao léxico – ou seja, revela o uso de determinadas lexias que não se mostram presentes na fala de outras regiões mineiras –, e essa peculiaridade justifica-se pelo fato de a referida população incluir um grupo de remanescentes de uma extinta comunidade garimpeira.

Para testarmos essa hipótese, analisamos um corpus constituído de 629 lexias produzidas em sessões de interação verbal, gravadas com 31 falantes integrantes do mencionado grupo. Procedemos à transcrição das gravações e, em seguida, a um levantamento das lexias, tanto de uso geral do dia a dia dos falantes (sejam do vocabulário básico, sejam relacionadas a atividades de trabalho, política, religião, lazer, etc.), quanto de uso especificamente relacionado ao garimpo (minérios, instrumentos, tarefas, comércio, etc.), utilizamos para tal Fichas Lexicográficas. Assim, em um primeiro momento, as 629 lexias foram examinadas como um conjunto unitário, atentando-se para: registro, ou não, em determinados dicionários; origem e classificação morfológica. Posteriormente, essas 629 lexias foram, então, separadas em 2 (dois) grupos, e cada um desses grupos foi submetido à análise, separadamente, tendo-se em vista os objetivos estabelecidos a partir da hipótese de que o segundo desses grupos é o responsável por particularidades lexicais da fala da população aqui pesquisada:

- (a) lexias que, segundo observações assistemáticas, integram o léxico de falantes de áreas rurais brasileiras (doravante, *Léxico Rural* = LR); e
- (b) lexias especificamente relacionadas ao garimpo (doravante, *Léxico do Garimpo* = LG).

### **3 Lexias dicionarizadas e lexias não dicionarizadas**

Do total de 629 lexias, constatamos que 434 (69%) se encontram registradas em, pelo menos, um dos 4 dicionários consultados –; são, portanto, dicionarizadas (D) – e 195, que correspondem a 31%, não são dicionarizadas (n/d); cabe ressaltar que esse total inclui itens lexicais que se encontram dicionarizados, mas com sentidos diferentes daqueles com os quais são usados pelo grupo de falantes observado.

Constatamos, então, que, das lexias encontradas em pelo menos um dos dicionários consultados, a maior parte encontra-se registrada no dicionário Aurélio, que totaliza 410 lexias e no de Laudelino Freire, com 400; ou seja: o primeiro, com 94% e, o

segundo, com 92%. Esses são seguidos por Moraes, com 252, com percentual de 59%. Já no dicionário do Português de Portugal, do século XVIII, de Bluteau, há 218; ou seja: 50% das lexias registradas em dicionários consultados. Esse resultado nos permite comprovar que houve progresso, em termos de dicionarização.

Já o dicionário etimológico de Cunha (1986) é diferente dos demais, porque a Etimologia investiga a origem de cada palavra e analisa as suas várias acepções, indicando qual foi o seu significado primitivo e como dele foram derivando os outros significados lexicalizados em dicionários de língua. Assim, esse dicionário foi utilizado com a finalidade de consultarmos as origens e as datações das lexias.

#### **4 Sobre a origem das lexias analisadas**

Atentamos para a origem dos itens lexicais. Das 434 lexias dicionarizadas, os dicionários de Aurélio e Cunha registram números significativos, apontando a sua origem: Latim (134), Árabe (13), Castelhana (14), Francês (16), Italiano (7), Lusitano (3), Espanhol (3), Grego (2), Pré-romana (2). Há, ainda, aquelas lexias cujas origens que não foram identificadas, por isso foram assim classificadas: obscura (4), controversa (2), onomatopaica (2) e desconhecida (2); no entanto, um grande número de lexias (98) não tem sua origem registrada nesses dicionários.

Nessa análise, foram localizadas 107 lexias classificadas, no dicionário de Aurélio (1986), como brasileirismos; ou seja: das 434 lexias dicionarizadas, 24,2% são brasileirismos. Além disso, há lexias classificadas como africanismos (13) e indigenismos (12) que podem ser somados ao número de brasileirismos. Assim, temos um total de 132 lexias; ou seja: 30,1%, que listamos a seguir:

Brasileirismos: *acismado, agrado, agulha, amenhá, angu, apurar, ara, araticum, barbatimão, baco, bagaceira, banguê, bateada, batente, beiju, bitelona, borá, brejo, bucho, caboclo, caburé, caçamba, cachaça, cacumbu, cacunda, calderão, canjica, canoa, capanga, capineira, capuçu, cará, carapiá, caroba, carumbé, cascaio, cata, catear, catinga, cativo, catuaba, cavadeira, caxa, cocho, coité, comércio, coriandamba, corgo, cuia, cumê, currido, dura de gente, engenho, enrabar, faisqueira, fava, ferrage, fervedor, formação, frincha, fubá, furna, garimpeiro, garimpo, gorguio, garrá, grupiara, guiada, jagunço, jatobá, jequi, jirau, ismiril, inganazambi, inxum, ipê,*

*lajeado, lambada, lavrado, machucão, macumba, mamparra, marmota, mascatear, manero, monjolo, moringa, morolo, nhonha, ossada, ovo de pomba, paina, painera, paiol de mio, paia de arroz, panela, papaconha, pau d'arco, peão, pinga, pirambeira, pirão, prensa, quimbanda, rancho, rapadura, reco-reco, refugar, restojo, ritiro, roçado, rodete, samburá, sangrador, sanzala, sungar, tamboeira, taquara, terrero de sarava, tiradera, traia, tropero, tuada, trem, tropa, tundá, unha d'danta, urucum, varge, veio do rio, velame, zuretado.*

## **5 A classificação morfológica das lexias analisadas**

Considerando a classificação morfológica das palavras postulada pela Gramática Tradicional (GT), as lexias analisadas distribuem-se entre 7 classes diferentes: substantivos (480), verbos (69), adjetivos (39), advérbios (9); foram também registradas: locuções adverbiais (7) e as lexias complexas (21). Os resultados mostram que a classe dos substantivos é a que mais se destaca, com um percentual de 77%, seguida pelas dos verbos (11%), pelas dos adjetivos (6%) e pelas lexias complexas (3%).

## **6 Registros de estudos sobre o léxico de áreas rurais de MG**

Comparamos os nossos registros com os dos trabalhos de: Cordeiro (2013), no Vale Jequitinhonha; Souza (2008), no Norte; Freitas (2012), na região central; e Ribeiro (2010), no Sul. A ordem estabelecida para essa comparação está relacionada com a proximidade de tais regiões com a região pesquisada. A nossa pretensão é confirmarmos ou não uma das questões levantadas anteriormente: se a fala desse grupo, principalmente, dos moradores da área rural, não reúne elementos característicos também de outras regiões mineiras, uma vez que esses estudos analisam o léxico do “mundo rural”, e os falantes das comunidades de ex-garimpeiros de Datas e Cachimbos também apresentam certas marcas rurais que coincidem com os mencionados estudos.

Assim, no total de 410 lexias que fazem parte da LR e outros, 220 coincidem com pelo menos um dos estudos analisados; ou seja: 53,5% desse total. O estudo de Ribeiro no sul de Minas é o que mais se aproxima do nosso resultado 102 (46,5%), seguido pelo estudo realizado no centro de Minas Gerais por Freitas (2012), que

computa 81 lexias, ou 37%; Souza (2008), com corpus do Norte de Minas, com 53 lexias 24%; e Cordeiro (2013), que apresenta em seus registros 57 (27%) lexias que combinam com os encontrados na região do Alto Jequitinhonha. Esses resultados mostram que as regiões mais distantes são as que apresentam maior número de lexias que coincidem com as registradas por este trabalho. Constatamos, porém, que apesar de algumas lexias apresentarem as mesmas formas ortográficas, há alguns casos em que os significados não coincidem com os que lhe são atribuídos por membros da comunidade pesquisada.

Nos estudos consultados, encontramos 59 lexias que não são dicionarizadas, nem registradas nesses estudos, a saber:

*abinha, afavaquinha, arroiado, azougue, barrera, barruada, batê paiada, batê paiada, bitão, butuca, caboco, candodô, catitoco, caxi, cervejinha, crivado, culherzinha, curridinha, desande, difrucera, dintirim, disgramar, erva daninha, esbarrar, escafunchar, esturrado, fincar de carrerão, fincar a pé, fraudinha, ganhami, injurizar, imponto, istrunca, jirico, kobu, ladiente, morolo, movariz, nhonha, o seguinte é esse, panha, pau magro, peso de trabaiaador, prato, pulseneira, quartiage, rancho de tropa, rapar, safar, samborá, santropê, sidumia, tamaniquim, tapaquara, tibórnia, tranco, trambuco, urna, valongo.*

## **7 Das lexias relacionadas ao Garimpo (LG)**

Dando prosseguimento à proposta de verificarmos se as hipóteses de que o léxico falado nessa comunidade é diferente do de outras regiões mineiras, e de que a fala do garimpeiro e das pessoas idosas é o que justifica essa peculiaridade, analisamos, aqui, as lexias relacionadas ao garimpo.

Confrontamos, então, esse grupo de lexias com os resultados de dois trabalhos encontrados na literatura sobre a linguagem relacionada à atividade garimpeira realizados no Brasil; o primeiro, realizado aqui em Minas Gerais – em São João da Chapada –, por Aires da Mata Machado Filho, publicado em 1964; e o segundo, realizado na Chapada Diamantina, na Bahia, por José Martins Catharino, publicado em 1986.

Os dados mostram que, das 219 lexias encontradas em contextos relacionadas à atividade garimpeira, 108 – ou seja: 49% – estão distribuídas entre os trabalhos de Machado Filho (1964) (95) e de Catharino (1986) (44).

Além da distribuição do total desses itens, se pode observar que, das 108 lexias específicas do garimpo distribuídas entre os 2 trabalhos consultados, 44 não estão dicionarizadas nos dicionários consultados, quais sejam: *amenhá, bater o baco, batido, bica, bucha de couro, cabeça-de-macaco, chumbada, caco, cortar, cortar a água, cravinote, croado, desbarranque, diamante corado, emborcar, enchedor, faquinha-de-madeira, ferver, jangada, jogo de rio, lavar de bateia, lavar de peneira, massa, meia praça, meteriar, mesa, diamante natura, paiol de cascaio, pião, pião-da-bateia, picame, pinta preta, ponto, pornio, praça, refino, resumir, secar a água, sentar roda, sericória, terreiro, toá, tocar o garimpo, diamante urubu, e varal*. Além disso, há 5 casos de lexias que apresentam a mesma forma ortográfica, mas com significados diferentes:

1. Nomes que apresentam a mesma forma, porém, com significados diferentes:

*Cativeiro* – (Águas Vermelhas), indivíduo que trabalha no garimpo às custas de comida e hospedagem.

*Cutucar* – tocar com o dedo (interior de São Paulo), movimentar a água nos canos (Datas/Cachimbo)

*Haste* – Cabo de bandeira (interior de São Paulo), uma das peças que compõem a roda do rosário (Datas/Cachimbo)

*Paçoca* – carne pilada com farinha (interior de São Paulo, Minas Novas), piçarra (Datas/Cachimbo).

*Sargado* – trabalho de macumba (São João da Chapada), Conluio entre os compradores de diamantes (Datas/Cachimbo).

Das 219 lexias do LG, 68 não estão registradas nem nos dicionários, nem tampouco nos trabalhos pesquisados. Essas lexias destacam-se nestes grupos:

- das diversas etapas do trabalho (11) – *apertar a forma; bater a boa; catiage; cortar o entulho; cutucar; despedrar; firvura; forgar água; lavar a cru; lavar o silviço; sulapar*.
- de instrumentos e das diversas peças utilizados para extração do minério (22) – *balancete; balbatana; banquetas; boquete; bucha de*

*apaga a vela; bucha forrada total; caixa de depósito; chanfrão; depósito do rabo da bica; grelha; gomos; grade; haste; maimina, mangote; passeio-do-fervedor; portal; rastão; roda de rosário; tabuleiro; tabuleta; ventoneira.*

- designação das formações e de outros minerais (13) – *barriga-de-boi; dispejo, farofa; gelo; goma; isbógio; linha de cristal; linha de massa; mussiça; osso de cristal; paçoca; pedra de meã; rabo-da-bica.*
- designação das pedras e do ouro (15) – *algodão; bago de arroz; baguim de ouro; botão de malva; chapinha de ouro; coco; cor de canário; fazenda média; fumê; minerva; Piauí; preto; queixo-de-burro; rubi; vermelho.*
- de ocupações (7) – *batuquim; cativeiro; carregador; dono do garimpo; maquinista-de-roda; mecânico de roda; pai de majé.*
- de espaço físico (2) – *banca; boca-da-cata.*
- de transporte (1) – *caxote.*
- de características (2) – *encaiado; sargado.*

As lexias *cativeiro*, *cutucar*, *haste*, *paçoca* e *sargado*, conforme registrado acima, estão presentes nos trabalhos consultados com significado diferente. Incluindo essas lexias, temos um total de 73 lexias que compõem o Léxico do Garimpo.

### **Considerações finais**

A hipótese de que na comunidade em estudo, há um léxico bastante peculiar; a linguagem específica de remanescentes comunidades garimpeiras (itens lexicais que fazem parte do universo natural do garimpo ou que se referem à realidade cultural, econômica e social do garimpeiro), que justifica essa peculiaridade. Essa hipótese foi testada por meio de comparação e análise do corpus, que contém 629 lexias que se encontram registradas nas Fichas Lexicográficas. Comparamos esse corpus com 5 dicionários (CUNHA, 1986; AURÉLIO, 1986; LAUDELINO, 1954; MORAES, 1824; BLUTEAU, 1734) e com 4 estudos recentemente realizados em Minas Gerais (SOUZA, 2008; RIBEIRO, 2010; FREITAS, 2012; CORDEIRO, 2013). Todos esses trabalhos analisam a fala de pessoas acima de 70 anos e que vivem em área rural. Além disso, comparamos, também, o LG com os estudos de Machado Filho (1964), e de Catharino (1986). Os resultados mostram que: das 629 lexias, 410 são do LR; 78 não estão dicionarizadas e 59 lexias não estão registradas nos trabalhos supracitados. Das 629 lexias, 219 são do LG; dessas, não estão dicionarizadas e 73 não estão registradas em

dicionários, nem nos trabalhos sobre o LG supracitados. Levando em conta esses resultados, concluímos que a hipótese de que há peculiaridade no léxico falado nessas comunidades se confirma, uma vez que encontramos um total de 132 lexias não registradas.

## Referências

- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 (reprod. Facsimil da 2ª ed.; 1ª ed. 1920).
- BLUTEAU, P. R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- CUNHA, A. H. G. de. *Superação dos impasses filosóficos e científicos no rumo civilizatório*. Foz do Iguaçu: Edições Pluri-Uni, 1997, p.56.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIÉGUES JUNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.
- FERREIRA, A. B. de H.; FERREIRA, M. B.; ANJOS, M. dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 409f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista/UNESP, São Paulo, 1996.
- JUSTINIANO, A. L. *Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Três Lagoas, Três Lagoas – MS.
- \_\_\_\_\_. O vocabulário do homem ervateiro na fronteira do Brasil com Paraguai. *Revista Eletrônica Guavira Letras*. UFMS/CPTL. RGL, v.2, p. 81-98, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cent.br/guavira/guavira.htm>>. Acessado em: jan./2011.
- RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuy*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 256 p.

SEABRA, M. C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 368 p.

SILVA, A. de M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, V. L. de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrados em Linguística) – UFMG – Belo Horizonte – 278 p.